

UMA VOLTA NO TEMPO: DO PRESENTE AO PASSADO, PARA O FUTURO¹

Maria Ciavatta²

Memória e Documentos me trazem à mente duas questões. Uma delas é a memória e sua existência na vida humana. A outra questão são os documentos. A recorrer a Mia Couto, o escritor moçambicano, que nos diz que que existimos enquanto alguém se lembrar de nós, enquanto estivermos na memória. Esta ideia serve para os indivíduos, mas, principalmente, para as instituições com seus coletivos, ideias, interesses diversos e divergências.

Mas é impossível registrar tudo que somos, porque o que resta na memória são fragmentos daquilo que se vive na vida pessoal e coletiva. Por isso, a história é sempre um relato aproximado dos fatos tal como ocorreram, como foram vistos, percebidos, sentidos, registrados na memória.

Para Pollak (1992), sendo um fenômeno construído social e individualmente, a memória possui estreita ligação com o sentimento de identidade (imagem de si, para si e para os outros). A identidade, individual ou de um grupo, se desenvolve em referência a outros indivíduos e a outros grupos, em meio a um processo de negociação e conflito, orientado por critérios de aceitabilidade e credibilidade.

Memória e identidade podem ser negociadas, não devendo, pois, ser compreendidas enquanto essências de uma pessoa ou grupo. Trabalhando também com memória, esquecimento e silêncio, para a construção da identidade, Pollak (1992) destaca os sentimentos de continuidade no tempo, de fronteiras físicas (o

¹Artigo recebido em 17/07/2023. Aprovado pelos editores em 01/08/2023. Publicado em 23/08/2023. DOI: <https://doi.org/10.22409/tn.v21i45.59249>.

O texto foi elaborado para Memória e Documentos que, neste número, traz a reflexão dos Profs. Drs. Maria Ciavatta e Gaudêncio Frigotto na sessão comemorativa dos 31 anos do Neddade: CIAVATTA, M.; FRIGOTTO, G. 31 ANOS DO NEDDATE – O resgate da memória “para não apagar o futuro”, publicado na Revista Trabalho Necessário, vol. 14, n. 25, p. 90-107, 2016.

² Doutora em Ciências Humanas (Educação), pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-RJ) - Brasil. Professora Titular de Trabalho e Educação na Universidade Federal Fluminense (UFF), Rio de Janeiro - Brasil. E-mail: maria.ciavatta@gmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0000.0001.5854.6063>. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5368554854684382>.

corpo) ou as fronteiras de pertencimento ao grupo, de coerência entre os elementos que constituem o sentimento de identidade.

Tratando de memória e esquecimento, Pollak (1989) destaca a seletividade de toda memória, seletividade que ocorre em meio a um processo de “negociação” para conciliar memória coletiva e memórias individuais. O autor defende a existência de uma memória visual que seria reconstruída continuamente, e considera interessante o estudo das mudanças e da significação das imagens.

Embora neste caso, o autor se refira à memória visual como parte da história oral, para ele não existe uma diferença fundamental entre fonte oral, fonte escrita e fonte iconográfica. Mas destaca a história oral como aquela que põe em movimento as “memórias subterrâneas” que permanecem em silêncio diante da lógica imposta por uma memória coletiva oficial, aflorando nos momentos de crise, engendrando conflitos e disputas.

A memória é fragmentada, sendo que o sentido de identidade depende, em parte, da organização desses fragmentos, organização que varia conforme os momentos e as situações. Com base em Schutz (1979), Velho (1994, p.101) introduz a noção de projeto como uma “*conduta organizada para atingir finalidades específicas*”. O projeto, que pode ser expresso através de conceitos, palavras ou categorias, seria um instrumento básico de negociação da realidade com outros indivíduos ou coletivos. A identidade depende dessa situação interativa.

A sociedade fomenta uma multiplicidade de motivações, produzindo a necessidade de projetos, inclusive contraditórios ou conflitantes. O projeto seria um meio de comunicação, expressão, articulação de interesses, objetivos, sentimentos, aspirações. O projeto é dinâmico e está sendo elaborado de modo permanente, reorganizando a memória do indivíduo e dos grupos sociais, dando-lhes novos sentidos e significados, o que repercute em sua identidade. A ideia de que a memória é seletiva pode ser explicada pela dinâmica dos projetos e da construção das identidades, que mantêm o passado em permanente reconstrução.

A reconstrução permanente da identidade de um grupo, constituído por vários subgrupos é uma das razões que dão sentido a que Trabalho Necessário, uma importante expressão da atividade científica e política do Neddate tenha uma seção de Memória e Documentos. O sentido dos documentos é minha segunda questão nestes comentários iniciais aos 31 anos que hoje já são 38 anos do Neddate.

Mas o que são os documentos? São palavras, relatos, ideias, imagens, objetos, vestígios, são registros, são marcas da vida humana, fontes na forma material ou imaterial que foram preservadas na forma escrita, oral, iconográfica, digital. E chegaram além de seu espaço-tempo, de seu presente que se tornou passado. mas alimenta relatos históricos e ações que permitem projetar o futuro.

O historiador Julio Aróstegui (2006, p. 488) trata dos documentos em relação ao conceito de verdade e de história. Se os documentos por si só não garantem que se chegue à verdade, à falta deles não chegamos à história. Os documentos são informações, fragmentos da memória com que, à luz dos conceitos, de uma visão de mundo, de uma concepção de realidade, construímos o relato dos fatos, o conhecimento histórico. Mas é necessário também dispor de método e de técnicas para se chegar a análises confiáveis. Em outros termos, Miriam Cardoso (1976), afirma que o método não se separa da construção do objeto.

Documentos e fontes são termos afins, utilizados quase indistintamente por alguns autores. Mas o consenso caminha no sentido de certa distinção entre os termos. Ambos são vestígios das ações humanas que dão “acesso à compreensão do passado e seus desdobramentos no presente” (BARROS, 2019, p. 15). A ambos se aplica a distinção entre seu sentido geral de vestígios, informações, mas o termo “documentos de arquivo” e “fontes de arquivo” remetem à história tradicional do século XIX, quando os documentos considerados eram os textos escritos produzidos pelas instituições, pelo Estado, pelos poderes constituídos, segundo o modelo da história política.

Documentos e fontes também são palavras que “costumam ser empregadas nos meios historiográficos como sinônimos”. Mas “fonte” ou “fonte histórica” também passou a ser um termo empregado alternativo a documento, conforme o autor explicita sobre o uso dos termos em seu livro (BARROS, 2019, p. 16-19).

Nas primeiras décadas do Século XX, a *École des Annales*, desde seus primórdios, como afirma um de seus fundadores, Marc Bloch (1959, apud ARÓSTEGUI, 2006, p. 489), devem ser utilizados todos os textos, não somente os documentos de arquivo, “Também um poema, um quadro, um drama[...]”. Sem entrar no mérito da história tradicional, mas praticando a história com todas as fontes e documentos disponíveis, no século XIX, Marx (1978, 1979, 1980) escreveu a história crítica do sistema capital e do capitalismo em seu tempo.

Nos séculos XX e XXI, com o avanço das fontes disponíveis e do conhecimento histórico, ampliaram-se a noção de documento e a ideia de fonte histórica. São todos os possíveis vestígios humanos, incluindo os hábitos, os costumes, as paisagens, as tradições populares, os mapas, os materiais arqueológicos, nas formas escritas, orais, iconográficas. Ocorreu uma expansão do universo das fontes que documentam os espaços-tempos da vida humana. Esta parece ser a opção de Aróstegui (2006, p. 492-503) que desenvolveu uma taxionomia das fontes históricas.

O mestre dos estudos da memória, o historiador Jacques Le Goff (1992, p. 426), autor do conceito de documento/monumento, explica que, além memória e esquecimento no âmbito das manipulações possíveis pela subjetividade humana, [...] a memória coletiva foi posta em jogo de forma importante na luta das forças sociais pelo poder. Tornarem-se senhores da memória e do esquecimento é uma das grandes preocupações das classes, dos grupos, dos indivíduos [...]” em luta pela dominação.

Os documentos tornam-se marcos do poder, monumentos, e sinalizam os acontecimentos e fenômenos, mas não falam por si. Serão fontes da história se lhe fizermos perguntas para tentar responder às questões, aos problemas que identificamos no mundo em que vivemos.

Nos documentos em que comemoramos 38 anos da existência do Neddade e 20 anos da Revista Trabalho Necessário, o que queremos saber? O que se tornou o Neddade hoje, depois da pandemia, de ficar quase três anos “desabitado” de seus professores pesquisadores, de seus jovens estudantes, dos computadores ligados e livros sobre as mesas, dos encontros e seminários, dos debates, dos afetos e indiferenças? O que nos ensinam depois de passar pelo pandemônio de um governo federal arbitrário, cruel diante da dor, que retirou recursos dos serviços básicos para a população e estimulou os clubes de tiro, a produção e compra de armas? O que queremos saber sobre as discussões, discordâncias e convergências sobre a educação, o trabalho, os trabalhadores e a sociedade brasileira, objeto de nossas pesquisas?

O documento “31 anos do Neddade”, publicado em dezembro de 2016, não responde às perguntas sobre o tempo recente da pandemia, de muitos vazios da memória. Mas relata os rumos tomados quando começamos o Núcleo como um coletivo de pesquisa formado por professores e estudantes; sinaliza porque começamos e quais as ideias que alimentaram a sua formação. Dá indícios de nossa

identidade como uma instituição de pesquisa e a pesquisa como trabalho coletivo; explicita a base teórica da relação trabalho-educação no materialismo histórico que pautou nossa produção de livros e artigos, aulas e orientações.

Fala sobre a relação do Neddade com uma fase importante do Programa de Pós-graduação, o Mestrado em Educação, e a criação do Curso de Doutorado em Educação. Fala de seus docentes que sempre atuaram também na Graduação, mantendo o compromisso com os professores da educação básica das redes públicas, sem descurar do intercâmbio com as organizações públicas e privadas dos profissionais da educação. Registra a colaboração ativa e permanente com a ANPEd, (Associação Nacional de Pós-graduação e Pesquisa em Educação), o apoio à aprovação da AELAC (Asociación de Educadores de América Latina y Caribe) no Brasil, a inserção no Clacso (Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales), o intercâmbio com universidades do México, Argentina, Itália, Portugal.

Mas não apenas, o documento situa o início do Núcleo como Programa da Pesquisa em 1985, ainda no período da Ditadura (1964-1985), sua presença na redemocratização do país e nas lutas pela Constituição de 1988, pela LDB (Lei n.9.394/1996), desde 1986. Consoante o mito de Sísifo, atua contra o retrocesso trazido pelas políticas neoliberais desde os anos 1990, e a contracena da direita aos incipientes avanços sociais dos governos petistas (2003-2016), o Golpe empresarial, mediático e jurídico que fez aprovar o impeachment da Presidenta Dilma Rousseff no período 15 de outubro de 2015 a 31 de agosto de 2016.

Mas nestes 38 anos, de forma semelhante aos 31 anos, reiteramos que esta é uma oportunidade “de comemoração e de conagração, de valorização da democracia na organização política, na expressão do pensamento, na produção do conhecimento, na condução das ações” (CIAVATTA; FRIGOTTO, 2016, p. 2). Escrevemos sobre os dias desesperançosos do governo ilegítimo de Temer (2016-2015), dos dias tumultuados da presidência de Jair (2018-2022) e do desmonte dos coletivos e das instituições sociais, do apelo às armas, à violência e à morte, da perda das florestas, da negação do direito dos indígenas à terra ancestral; do desprezo à vida das populações rurais e urbanas.

Fizemos *lives* e publicamos artigos, livros e convicções que sempre há que se lutar por moradia, saneamento, segurança, proteção, saúde e educação das crianças, dos jovens e adultos. Mantivemos “o compromisso teórico prático com a superação

do modelo capitalista concentrador e excludente [...] e a crítica consistente e ativa a este modelo de sociedade” (CIAVATTA et al, 2000, p. 20). Em trabalho recente, Muniz Sodré (2023, p. 14), aprofunda a compreensão da relação do racismo e fascismo com o capital: “Só alcançando a essência de todo poder, que é a negação do outro pela pulsão da morte, também implícita nas grandes realizações tecnológicas, o capital se perfaz como lei estrutural da organização do mundo”.

Não reiteramos a memória para repetir o passado, mas para não perder o rumo das novas conquistas necessárias ao presente, de corrigir os erros, socializar nossa produção científica, aprofundar o sentido do trabalho como fonte de conhecimento. A memória de tempos passados projeta-se no tempo presente e permite escrever a história dos dias, noites e novas manhãs que virão.

Referências

ARÓSTEGUI, J. **A pesquisa histórica**. Teoria e método. Bauru, SP: Edusc, 2006.

BARROS, J d`A. **Fontes históricas**. Introdução aos seus usos historiográficos. Petrópolis: Vozes, 2019

CARDOSO, M. L. O mito do método. **Boletim Carioca de Geografia**, Rio de Janeiro, ano XXV, p. 61-100, 1976.

CIAVATTA, M; FRIGOTTO, G. 31 ANOS DO NEDDATE – O resgate da memória “para não apagar o futuro”. **Trabalho Necessário**, vol. 14, n. 25, p. 90-107. 2016.

CIAVATTA, Maria et al. NEDDATE – Núcleo de estudos, Documentação e Dados sobre Trabalho e Educação (UFF). Balanço de atividades e perspectivas. **Boletim do Neddate**, ano V, n. 6/7, jan. a dez. de 2000, p. 8-22.

LE GOFF, J. **História e memória**. 2ª. ed. Campinas, Editora da Unicamp, 1992.

MARX, K. **O 18 Brumário e Cartas a Kugelmann**. 4ª. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978;

MARX, K e ENGELS. **A ideologia alemã**. (Feuerbach). São Paulo: Ciências Humanas, 1979;

MARX, K. **O Capital**. Crítica da economia política. 2 vols. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1980

POLLAK, M. Memória, esquecimento, silêncio. **Estudos Históricos**. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, v. 3, n. 3, p. 3- 5, 1989.

POLLAK, M. Memória e identidade social. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, Fundação Getúlio Vargas, (v. 5, n. 10), p. 200-212, 1992.

SCHUTZ, A. **Fenomenologia e relações sociais**. Rio de Janeiro: Zahar, 1979.

SODRÉ, M. **O fascismo da cor**. Uma radiografia do racismo nacional. Petrópolis: Vozes, 2023.

TIRIBA, L; BENÁCCHIO, R. O Neddade e seus trabalhos necessários. **Trabalho Necessário**, v. 9, edição especial, n. 13, 2011, p. 1-43.

VELHO, G. Memória, identidade e projeto. In: _____. **Projeto e metamorfose**. Antropologia das sociedades complexas. Rio de Janeiro: Zahar, 1994, p. 97-105.